

**Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro**



Candida Bonecini

“Uma certa idade para falar sobre o envelhecimento”.

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Coordenação Central de Extensão

Curso de Especialização em Psicologia da Saúde

Orientadora: Maristela Provedel

**Rio de Janeiro
Abril de 2011**



Candida Bonecini

“Uma certa idade para falar sobre o envelhecimento”.

Monografia apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Saúde da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia da Saúde.

MONOGRAFIA

Coordenação Central de Extensão

Curso de Especialização em Psicologia da Saúde

Orientadora: Maristela Provedel

Rio de Janeiro
Abril de 2011

CCE
COORDENAÇÃO
CENTRAL DE
EXTENSÃO

Agradecimentos.

Sou grata à tolerância infinita e a atenção delicada da minha orientadora Maristela Provedel exemplo de mestre e psicanalista.

Sou igualmente grata a minha família. Allan meu filho querido, Rosa minha amiga de todas as horas, ao meu companheiro amado Wilson Euclides.

Agradeço aos meus amigos que compartilharam do meu interesse pela pesquisa.

Ao Dr. Ramón Fandiño Filho por acreditar em mim, pelo apoio e carinho.

Resumo.

“*Uma certa idade*” é a frase com a qual Freud explica o processo de envelhecimento do corpo e que causa uma estranheza para o sujeito. O tema do envelhecimento é abordado neste texto e foi investigado a partir do sentido das palavras sobre corpo, tempo e identidade na visão da mitologia e filosofia para que se pudesse evidenciar a construção histórica destes conceitos. O assunto é trabalhado no campo da psicanálise através dos conceitos que Freud pesquisou para levantar as questões sobre o envelhecimento. Considerou-se também o olhar sobre o envelhecimento nos aspectos biopsicossociais, bem como as diversas variações sobre a resposta acerca do que é normal e o que é patológico. Buscou-se ouvir o paciente na tentativa de esclarecer como ocorre este processo natural do envelhecimento humano e como as pessoas descrevem os seus efeitos. O fenômeno do envelhecimento foi evidenciado de forma delicada para explorar os assuntos de como o tempo exerce seu papel, no momento em que toca o corpo e quais são os processos psicológicos que advém dele e por consequência constroem a identidade do sujeito que recebemos no hospital ou na clínica da psicanálise.

Palavras-chave.

Envelhecimento; temporalidade; identidade corporal; psicanálise.

Abstract.

"*A certain age*" is the sentence with which Freud explains the aging process of the body which cause awkwardness to the subject. The theme of aging is discussed in this text and it has been investigated through the meaning of words over the body, time and identity as viewed by mythology and philosophy in order to show the historical construction of these concepts in the reading of the world. The issue is worked in the field of psychoanalysis through the concepts researched by Freud which raise questions about aging. The view of aging in its biopsychosocial aspects was also considered, as well as several variations on a possible answer about what is normal and what is pathological. We tried to listen to the patient in an attempt to clarify how the natural process of aging occurs and how people describe feeling its effects. The phenomenon of aging was delicately evidenced in order to explore the issues of time's role, the moment in which it touches the body, and what is the psychological processes that result from it and therefore build the identity of the subjects we receive at hospitals or in clinical psychoanalysis.

Keywords.

Aging; temporality; identity body; psychoanalysis.

Sumário.

Apresentação.	08
Introdução.	11
Capítulo 1: Cloto fia o fluxo da existência humana.	13
1.1. A preparação do mundo antigo.	13
Capítulo 2: Láquesis define passagem do homem pelo mundo.	18
2.1. O conceito de temporalidade em psicanálise.	18
2.2. O ego é um ego corporal.	20
2.3. O corpo pulsional e o corpo erógeno.	24
Capítulo 3: Átropos a que marca a hora da morte	26
3.1. A identidade em psicanálise	26
3.2. Os retratos do eu pela busca da continuidade pessoal	27
3.3. A representação da morte na psicanálise	35
Considerações finais.	37
Referências bibliográficas.	41

“A vida não deve terminar como terminam as horas do dia, agonizando em um entardecer. A vida tem que ampliar seus horizontes; fazer longas as horas da existência para que o espírito, incorporado na matéria experimente a grandiosidade de sua criação”.

Carlos Bernardo Gonzáles Pecotche.

Apresentação.

Em sua morada olímpica, as Moiras fiam e tecem incansavelmente. São três servas mensageiras do Destino. Cloto fia o fluxo da existência humana: é ela quem dá vida a cada um dos mortais. Láquesis define a passagem dos homens por este mundo. Com gesto firme e expressão tranquila, tece o ritmo das criaturas como se compusesse uma canção para animar o cosmo. Uma canção feita de glórias e derrotas, de ódio e de amor. Átropos, a irremovível, a que marca a hora da morte: o momento definitivo de abandonar-se o corpo e tornar-se sombra (...). As Moiras comandam. Os homens obedecem ¹.

O mito é sem dúvida a mais genial concepção que o homem produziu para contar sua história. Funcionava como uma forma de estabelecer a definição das origens do céu, da terra, dos mares e dos elementos do universo. Dentro da narrativa mítica buscava-se desvelar os mistérios que uma verdade escondia. Constituía muitas vezes numa forma de manter o respeito pelos ritos de contar uma história e recontá-la com o intuito de aproximar as pessoas e seus povos através de milênios e sua finalidade era poder preservar uma memória cronológica.

A mitologia grega, segundo os estudiosos é a raiz do estudo da complexidade dos fenômenos da natureza que precisava ser explicada. Certamente, tenho para comigo, que o mito foi a forma fantástica que a humanidade verdadeiramente organizou para que as crianças pudessem ser orientadas no entendimento de tais fenômenos, já que o homem não tinha efeito sobre eles.

Os Gregos atribuíam a cada acontecimento a personificação de um deus ou uma criatura diferente, os modelos dos heróis gregos misturavam homens e deuses, que sofriam intervenções divinas para dar sentido às relações com as pessoas e até hoje os mitos exercem uma influência na cultura, nas artes, na literatura e permanecem como parte de uma herança na linguagem ocidental. Quem nunca recebeu um presente de grego? Ou seguiu o fio de Ariadne?

O poeta Homero era considerado pela Grécia Antiga o homem mais estudioso e foi ele quem retratou a divindade com desenvoltura, sua epopéia tornou permanentes seus versos e tem uma narrativa que representava os

¹MITOLOGIA. *Enciclopédia Abril Cultural*. São Paulo: Ed. Abril, vol. III, 1973, p. 753.

acontecimentos com personagens movidos de acordo com o tempo, num espaço e em ação. Os poemas *Ilíada* e *Odisséia* cederam um lugar privilegiado para *Chronus* o deus do tempo que concede ao destino a capacidade de movimentar as Moiras e sob seu auspício presidir a gestação e o nascimento.

Os mitos indicam movimentos de tempo, crescimento e desenvolvimento, relativos à ideia de espaço, o final da vida e a morte, representam a ação sobre os humanos. A influência dos trabalhos dos pensadores da Grécia Antiga anterior ao pensamento filosófico garante a tentativa de racionalização dos deuses e dos homens.

Sigmund Freud era um apreciador da mitologia e é sabido que há registros em alguns de seus textos sobre as Moiras (ou as Pacas), da cabeça de Medusa, Cronus, Édipo, Narciso, Eros e Tanatos entre outros. Ele nos aconselhava a ter noção da sabedoria contida na mitologia e dizia: “mais uma vez aqui a mitologia poderá dar-lhe a coragem de crer na psicanálise”².

Segundo Alain Mijolla, a mitologia e psicanálise estão entrelaçados: “O mito (produção fantasmática do desejo) e a história (narrativa de eventos correspondente ao princípio de realidade)”³. Neste contexto, Freud afirmou com a literatura de Sófocles, principal dramaturgo grego, um dos seus mais importantes conceitos na psicanálise, que vem a ser o Complexo de Édipo. Ele se baseia no desejo de Édipo Rei em matar o seu rival para ter a posse do objeto de amor que a este pertence. Contudo, há uma curiosa apreciação neste mito que acrescenta sutilmente ao tema deste texto e se apresenta a Édipo quando ele interpreta o enigma da Esfinge:

“Qual é o animal que de manhã tem quatro pés, ao meio dia tem dois e ao entardecer três?” Assim, Édipo decifra o enigma: “O homem” responde, “que na infância se arrasta sobre pés e mãos, na idade adulta anda e na velhice recorre ao auxílio de um bastão”⁴.

²FREUD, S. *A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial*, 1926. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996, vol. XX p. 205.

³MIJOLLA, A. *Dicionário internacional da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. 2005, p. 1189.

⁴SOFOCLES. *Édipo Rei e Antígona. Coleção a obra prima de cada autor*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 19.

O mistério da esfinge é a própria arte da razão do ser nascer, crescer e morrer. Mas como temos observado este processo? Pois a consciência do tempo é uma velha história contada e recontada. Eu gostaria de levantar o tema de como as limitações corporais e os aspectos biológicos são sentidos no avançar da idade das pessoas e para isso, gostaria de usar a alegoria das três Moiras, que personificaram o destino dos homens como modelo metafórico para fiar a existência humana e, com efeito, poder citar nas próprias palavras de Freud:

As Moiras foram criadas em resultado de uma descoberta que advertiu o homem de que ele também faz parte da natureza e, portanto, acha-se sujeito à imutável lei da morte. Algo no homem estava fadado a lutar contra esta sujeição, pois é apenas com extrema má-vontade que ele abandona sua pretensão a uma posição excepcional. O homem, como sabemos, faz uso de sua atividade imaginativa a fim de satisfazer os desejos que a realidade não satisfaz. Assim sua imaginação rebelou-se contra o reconhecimento da verdade corporificada no mito das Moiras e construiu em seu lugar o mito dele derivado, no qual a Deusa da Morte foi substituída pela Deusa do Amor e pelo que lhe era equivalente em forma humana ⁵.

Estas questões sobre o corpo, o tempo e a identidade são importantes fatores que estão relacionados ao estudo da psicologia da saúde e seu trabalho em equipe multidisciplinar, já que o segmento populacional de nossa sociedade cresce e aponta em uma direção cada vez maior que necessita um estudo específico sobre o envelhecimento e as formas de intervenções da psicologia.

Desta forma, escolhi iniciar este trabalho que pretende traçar uma narrativa que difere do discurso habitual de se falar do sujeito nomeado: criança, adolescente, adulto ou velho. Penso que o sentimento de existir é a estrutura essencial do ser humano e minha intenção é buscar evidenciar um sentido poético, delicado para trabalhar os assuntos de como o tempo exerce seu papel, no momento em que toca o corpo e quais são os processos psicológicos que advém dele, pois esta pesquisa aborda a maneira como o tempo é sentido ao longo da vida e permite a construção da identidade do sujeito que recebemos no ambiente do hospital ou na clínica da psicanálise.

⁵FREUD, S. *O tema dos três escrínios*, 1913, vol. XII, p. 322.

Introdução.

A prerrogativa de entrelaçar a mitologia e a psicanálise é sem dúvida uma forma de poder expandir o olhar para as questões da variedade de histórias encontradas na própria clínica. Freud percebeu que no discurso de seus pacientes havia uma narrativa que “significa algo que difere do discurso perceptual e possui um sentido profundo que é distinto de seu sentido aparente”⁶. Sob esta importante visão pode-se evidenciar que há no discurso do sujeito, um carregamento de fantasias em relação a sua própria realidade.

Desta forma, procurou-se na literatura escrita por Freud, evidenciar como foram tratados por ele os conceitos para corpo, tempo e identidade e de igual modo, buscou-se a compreensão de como se deu a construção destes conceitos. Na leitura da história do mundo, será o mito um veículo que poderá nos guiar para melhor apreensão destes ensinamentos para a prática clínica?

Este texto foi organizado em três capítulos. No primeiro capítulo foi investigado como as palavras pesquisadas ganharam um sentido para que pudessem significar uma função social. Para representar estas questões, o autor Nicola Abbagnano (2003), nos fornece verbetes que trazem desde os filósofos antigos como Platão e Sócrates, ao linguista Saussure. Do mesmo modo, Antonio Geraldo da Cunha (1986), esclarece a parte etimológica das palavras e por fim, escolhi o autor Stephen Law (2008), para discorrer sobre a mitologia e a filosofia, pois ele utiliza as palavras de forma bastante simples para retratar a origem filosófica dos mitos.

No segundo capítulo, desejo abordar os conceitos sobre a ideia de tempo dada pela psicanálise nas descobertas de Freud em sua experiência com o sentimento de envelhecer quando escreve “Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, permaneceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade⁷”. Esta noção trata da desvalorização do objeto e a revolta contra a realidade, das perdas relacionadas ao luto e suas questões.

Soma-se a isso, a leitura do texto de 1923, “O ego e o id”, onde Freud vai discutir uma nova divisão do psiquismo. Ele examina minuciosamente a relação

⁶ MIJOLLA, A. *Dicionário internacional da psicanálise*, p. 1189.

⁷ FREUD, S. *Sobre a transitoriedade*, 1916 [1915], vol. XIV, p.315.

entre o ego e o corpo e suas pesquisas assinalam que o ego é antes de tudo um ego corporal. Neste ponto, desejo transcrever sua afirmação: “O ego é, primeiro acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio, a projeção de uma superfície”⁸.

O autor Luciano Elia (2005), em “Corpo e Sexualidade em Freud e Lacan”. Descreve o corpo na psicanálise como corpo pulsional, ou seja, a partir dos conceitos de pulsão e inconsciente, ele elabora uma apreciação para corpo natural e corpo erógeno, onde o sujeito não seria membro nato de seu corpo.

No terceiro capítulo, desejo descrever como a identidade das pessoas tem se apresentado e como é esse processo. Quais são os retratos que uma pessoa busca na passagem pela vida? Os primeiros textos pesquisados são: Freud (1919) “O estranho”, para abordar qual seria *uma certa idade* e também para falar sobre a velhice e os processos de envelhecimento. Acrescentarei a leitura da gerontologia, com a autora Guite Zimerman (2007) que analisa os fenômenos do envelhecimento do ponto de vista físico, psíquico e social. A geriatra Dr^a. Mariana Jacob (2004) que oferece recursos básicos, esclarecimentos e recomendações no atendimento com pacientes idosos, colaboram bastante para o trabalho com idosos em equipe multidisciplinar. Por fim, apresento a visão da psicanálise sobre a representação da morte no artigo de Freud (1916) “Nossa atitude para com a morte”.

⁸ FREUD, S. *O ego e o id*, 1923, vol. XIX, p. 39.

Capítulo 1. Cloto fia o fluxo da existência humana.

1.1. A preparação do mundo antigo.

“O que não conhecemos, não nos pertence”⁹.

Nomeamos as coisas para podermos conhecê-las e Platão dizia que ao nomeá-las isso serviria como um instrumento para ensinar e discernir. Palavras e símbolos indicam um objeto qualquer. Ao usarmos as palavras elas combinam caminhos que traçam um código para exprimir seu pensamento individual, se considerarmos o uso que fazemos da linguagem. Segundo a distinção de Saussure entre a palavra – língua e linguagem, “a palavra seria a manifestação linguística do indivíduo”. Diferente da língua, “que é uma função social, registrada passivamente pelo indivíduo”¹⁰.

A sabedoria da mitologia vai além do que contar histórias fenomenológicas e os mitos tem nos mostrado os parâmetros de toda uma vida. Precisamos, é evidente, questionar mais profundamente seus ensinamentos para que então se conheça a sua dimensão cultural.

Quase todas as palavras em português vêm do grego e do latim. Se alguém quisesse ser considerada uma pessoa culta, no ano de 106 a.C. na Roma Antiga, certamente deveria ter conhecimentos em grego e em latim. A ciência da etimologia é a parte que se ocupa do estudo das origens mais remotas das palavras e foi Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) foi quem apresentou o vocabulário filosófico em Latim para os Romanos e os Gregos. Ele adotou o estudo desta ciência para investigar o passado das palavras.

No tempo atual, Geraldo da Cunha esclarece que a palavra etimologia vem do grego – étimo; o verdadeiro e – logos; ciência, tratado – etimólogos: “ciência

⁹GOETHE, J. W. *Frases de Goethe* Disponível em: <<http://www.frases.mensagens.nom.br/frases-autor-j4-johanngoethe.html>>.

¹⁰ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.740.

que investiga as origens próximas e remotas das palavras”¹¹. O que as palavras como corpo, tempo e identidade podem nos dizer em diferentes contextos? Ao nomeá-las tomamos emprestada uma gama de significados desde os tempos mais remotos. Não é interessante que podemos observar neste momento a ação do tempo, pois ele permeia muitos assuntos e vale considerar o seu encontro irrestrito em todos os campos do saber? O tempo é Universal, há um parâmetro global para ser registrado e conta com uma distinção específica para cada área da ciência.

No princípio, os gregos tinham uma maneira para explicar dois movimentos específicos relativos à forma com que o tempo poderia ser medido. O primeiro foi chamado de Chronus, como referência ao pai do tempo dos homens, num movimento que se permitia ser medido, pois era sequencial. O segundo foi chamado de Kairos e referia-se ao filho de Chronus, que movimentava o tempo existencial, eterno, que garantia a ação num momento oportuno.

Assim, as ciências foram sendo influenciadas pelos primeiros pensamentos vindos dos gregos. Na física o tempo é considerado como quantidades essenciais, pois define outras quantidades, como por exemplo, a velocidade; na meteorologia é estado físico das condições da atmosfera. Mas na verdade, o que é o tempo? É uma resposta que os estudiosos religiosos como, Santo Agostinho, Santo Anselmo ou São Tomás de Aquino também quiseram interpretar, mas usando o tempo de Deus, não dos homens.

No entanto, a noção do senso comum acerca do tempo está intrinsecamente ligada à necessidade humana de conhecer as sucessões da natureza, nos anos, nos dias, nas horas que envolvem o homem no seu passado, presente e futuro. Para a ciência de modo geral, o tempo está associado a um sistema métrico usado para dar sequência a uma pesquisa, estudando assim, as variações que ela sofre. E o empenho dessas descobertas favoreceu a natureza do conhecimento das medições do tempo, como o aperfeiçoamento de calendários, relógios e foi um impulso extraordinário para muitas outras descobertas, pois o tempo sempre esteve ao lado do homem e o envolveu desde suas implicações de natureza real ou não.

¹¹ CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.336.

A história tem seus movimentos próprios. E um dos aspectos que se pode citar e faz girar este movimento, para que se registre historicamente um fato, são as causas políticas pelas quais, uma sociedade atravessa. Assim, o pensamento mítico foi atravessado pela mentalidade da filosofia. Dos séculos XII a VI a.C., as epopéias de Homero e Hesíodo contavam as guerras vividas entre os gregos e os troianos, os tempos de deuses e heróis. Mas foi o próprio Homero que em suas histórias modificou o olhar dos deuses e das práticas mágicas, para uma realidade mais próxima do homem e seus limites. Saía de cena a humanização dos deuses a governarem a vontade dos homens e surgia a possibilidade de explicar o mundo através dos fenômenos naturais.

O que teria levado os homens a dirigir seu pensamento para outras questões que pudessem responder os enigmas mais importantes e decifrar as crenças mais fundamentais? Todos nós temos crenças filosóficas e pensar filosoficamente é uma aventura, e sendo assim, a filosofia pode ser considerada como um fato relevante. “Por que as coisas existem? A filosofia faz perguntas fundamentais e muitas vezes perturbam a nossa vida”¹². Sua importância, por exemplo, pode explicar a crença de que a visão de corpo poderia ser esclarecida por duas maneiras: a de um corpo natural e a de um corpo que abriga a alma.

Dentro desta perspectiva apresento as explicações que de acordo com Abbagnano¹³ contribuem bastante para entender como era o conceito para corpo como sendo um objeto natural e depois, como distinguiram da ideia de um corpo que abrigaria uma alma. Estas mudanças se dão por volta do século V a IV a.C., pois havia a crença de que corpo era tudo que pertencia à natureza, por ser um objeto de estudo da ciência natural, a definição mais antiga, segundo este autor é atribuída a Aristóteles porque “corpo é o que tem extensão em qualquer direção” e a Platão, “corpo é instrumento da alma”¹⁴.

O axioma aristotélico diz respeito à altura, largura e dimensão e se coloca perfeito porque tem estas grandezas em sua essência, “ou princípio das coisas que os têm”¹⁵. Sendo desta maneira, outros filósofos da época tomaram para si como verdadeiro tal pensamento e com o passar dos séculos, foram acrescentadas outras

¹² LAW, S. *Filosofia guia ilustrado Zahar. História, ideias e teorias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

¹³ ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 p. 210.

¹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 210.

¹⁵ Idem, *Ibidem*, p. 210.

características ao pensamento original de Aristóteles, como por exemplo, como um corpo natural sólido ou impenetrável, mas que ainda permanecesse como objeto que pertence à natureza, até mesmo quando Aristóteles faz referência a que o corpo é “certo instrumento natural”¹⁶, da alma.

A filosofia antiga contempla o corpo na sabedoria de Platão, que segundo a sua doutrina, vai distinguir que o corpo abriga uma alma. A metafísica platônica pode chegar ao entendimento da teoria das suas ideias, pois coloca em questão a natureza da realidade. Assim, segundo Abbagnano, a doutrina de Platão vai considerar duas possibilidades: o corpo como limite ou impossibilidade, ou como túmulo ou prisão da alma. O corpo está para além da realidade e há um lugar sensível para que o homem repouse na fantasia, que não seja viver somente a prisão do real. O mundo das ideias¹⁷.

Por outro lado como podemos conhecer e definir o conceito de identidade? Pelo ponto de vista do físico ou pelo metafísico? Abbagnano nos fala que há três definições fundamentais, seguindo a leitura filosófica: “como unidade de substância”, a segunda “como possibilidade de substituição” e a terceira “como convenção”. Todas tratam ora do significado físico, que imputa a matéria, como por exemplo, a identidade de um número (unidade – pensamento aristotélico), na matemática, ora pela identidade assumida como igualdade – que de acordo com esta concepção, não se pode estabelecer ou ser reconhecida com critérios convencionais finaliza Abbagnano¹⁸.

Por outro lado, Law aponta que os filósofos antigos, mesmo com muitas contradições, introduziram no mundo o registro filosófico dos seus pensamentos. Sob esta visão, podemos dizer os seguintes argumentos, segundo Aristóteles: “Todo homem, por natureza deseja saber”¹⁹, ou citando Sócrates: “A vida não examinada não merece ser vivida”²⁰. Platão nos diz que “O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel”²¹.

¹⁶ Idem, Ibidem, p. 211.

¹⁷ Idem, Ibidem, p. 212.

¹⁸ ABBAGNANO, N. Op. Cit., p. 528.

¹⁹ LAW, S. Op. Cit., p. 26.

²⁰ LAW, S. Op. Cit., p. 17.

²¹ LAW, S. Op. Cit., p. 247.

A identidade passa a ser uma noção que tem uma ampla explicação definida, pois ela imputa características comuns ou específicas para um objeto, sejam pessoas, animais, plantas, coisas etc. A importância dada a este ou aquele objeto é que garante ao objeto sua noção peculiar. A filosofia é uma ferramenta bastante útil que nos apresenta um cem números de opções para se observar, como a faculdade da razão pode nos dar um novo entendimento para as questões do mundo, mas que às vezes as pessoas não sabem por onde começar.

Ao pensar filosoficamente, pude descobrir caminhos num labirinto de coisas do passado, onde ao percorrê-lo tornou-se possível entender como tais coisas que foram construídas no decorrer do tempo influenciaram e muito o pensar na atualidade. E com base em tais pensamentos, gostaria de explorar de que forma podemos entender melhor o discurso das pessoas no que diz respeito a sua construção subjetiva quando exercemos o trabalho de psicólogos.

Capítulo 2. Láquesis define a passagem dos homens por este mundo.

2.1. O conceito de temporalidade na psicanálise.

Mais de uma vez quando estamos lendo um texto escrito por Freud, nos sentimos questionados por uma força intensa. No quê, naquele momento, esse autor está desafiando a compreensão dos nossos pensamentos? É assim que a leitura destes textos me mobiliza: compreender o que Freud quer nos explicar com aquilo que ele descreveu em seus axiomas. Antes de tomarmos em consideração os seus conceitos, cabe investigar um pouco o que a literatura já percorreu para que possamos, como no mito, desvelar a verdade escondida buscando um entendimento para que o termo temporalidade se torne algo familiar.

Os pensamentos de Freud sempre tiveram uma formalidade muito grande e ele sucessivamente traçou diretrizes, embora algumas parecessem simples, mas que se tornaram questões de grandes ponderações para formar outros conceitos. Como desejo descrever seu pensamento, mesmo que muito já tenha sido dito, me cabe neste momento, fazer um regresso em sua obra que nos permita passear como numa epopéia.

“Sobre a transitoriedade”²², artigo de 1915, foi escrito para atender ao convite da Sociedade Goethe de Berlim, e, diga-se de passagem, Freud tinha Goethe como um modelo, pois o citava em muitos momentos de sua vida e obra. De modo, que sua admiração pelo poeta chegava a ser tão próxima que o tinha como uma identificação familiar. Em 1930, Freud ganhou o prêmio Goethe concedido à “personalidade cuja atividade criadora era digna de honrar a memória de Goethe”²³.

O texto publicado em 1906, não poderia ser uma exceção, um maravilhoso momento de reflexão sobre a vida, a natureza, as pessoas e a beleza. Nele, Freud sutilmente retrata seu sentimento sobre Chronus, o tempo dos homens. Há informações, segundo Mijolla²⁴, de que seu passeio com um jovem taciturno seria

²² FREUD, S. *Sobre a transitoriedade*, 1916 [1915], vol. XIV.

²³ MIJOLLA, A. *Dicionário internacional da psicanálise*, 2005 p. 1923.

²⁴ Idem, p. 1923.

na verdade Lou Andreas Salomé. E o jovem poeta acreditava ser Rainer Maria Rilke.

Naquele momento de descanso no campo com os dois amigos, o jovem poeta sentia que “perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção” e que “tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade”²⁵. Eram tempos de guerra e o clima era de luto.

Nesta pequena composição, em termos gerais, Freud indica três grandes temas por ele observados e são respectivamente: primeiro que este texto forma com mais dois textos “Reflexões para os tempos de guerra e morte”²⁶, e “Luto e melancolia”²⁷, um conjunto de apreciações que tratam do conceito para o luto. Depois, vai tratar da ética na questão de revelar “o amor à vida em face de uma pseudo-sabedoria depressiva, mas é também um testemunho das reflexões de Freud sobre cultura e a temporalidade”²⁸.

Sem dúvida, Freud extraiu deste passeio um apanhado teórico para fazer distinções sobre o tempo. A próxima grande questão que irá abordar é a caducidade da beleza que produziriam, segundo Freud, duas noções psíquicas diferentes: de uma parte a dolorosa aversão, ou seja, a desvalorização do objeto que não pode manter a promessa de prazer que dele se espera e, de outra parte, a revolta contra a realidade afirmada dos fatos, ou seja, a repulsa que o tempo, essencialmente corruptor, provoca²⁹.

Ainda dentro desta perspectiva, a terminologia da “temporalidade psíquica” e os processos centrados relativos ao tempo do luto pela terminologia “transitoriedade”, nos favorecem a compreensão do que seria o lidar com o tempo interno, ou seja, os homens, submetidos aos processos psíquicos criam sua própria gestão do tempo, como por exemplo, a regressão, a fixação e a antecipação. Segundo Mijolla, há no sonho uma representação do tempo, há na associação do paciente, nas recordações infantis, há na fantasia pela via representativa, há no neurótico uma fixação ou regressão, há na paranóia, na histeria, por fuga para fora

²⁵ FREUD, S. *Sobre a transitoriedade*, 1916 [1915], vol. XIV. p. 315.

²⁶ FREUD, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, 1915 vol. XIV.

²⁷ FREUD, S. *Luto e melancolia*, 1917 [1916]vol. XIV.

²⁸ MIJOLLA, A. Op. Cit., p. 1923.

²⁹ Idem, *Ibidem*, p. 1923.

do tempo e na psicose pela ausência total. Freud descreveu o tempo, mas não desenvolveu razões para isso³⁰.

Freud concluiu que o valor das coisas é independente de sua duração, mas que a caducidade não modifica o valor do objeto. É independente do tempo, tudo é transitório. É a noção de luto e a possibilidade de elaborá-lo e superar que conduzem ao conceito de transitoriedade um aspecto original do luto: a antecipação. Mijolla também ampara esta afirmação de Freud e esclarece com bastante profundidade esse ensaio sobre o tempo:

Consiste na recusa em investir para não ter de sofrer depois a sua perda, o luto antecipado é um mecanismo de defesa narcísica que denega o apego libidinal mesmo quando ele emerge. Ao mortificar toda relação possível, o sujeito mortifica também uma parte de si mesmo na esperança de que o resto seja assim preservado do sofrimento. Esta retirada da libido em face de tudo o que o ameaça revela-se efêmero é uma proteção contra a catástrofe depressiva que implicaria um luto para alguns sujeitos. Este fechamento a respeito do objeto constitui uma posição diferente tanto em relação ao trabalho do luto como o apego sombrio do melancólico em face do seu objeto³¹.

2.2. O ego é um ego corporal.

Nesta parte do trabalho, a pesquisa se volta para um começo ainda mais remoto, onde Freud estava vislumbrando um novo horizonte para destacar sua descoberta na medicina. Ele queria encontrar um lugar para a sua psicanálise, mas queria dar a ela cunho científico. Esboçou então um artigo que nunca foi publicado, “O projeto para uma psicologia científica”. Ele se referia a este artigo como “Psicologia para neurologistas” e em carta ao amigo Fliess, reclama de quanto este assunto o está consumindo.

“Vivo atormentado por duas intenções: descobrir que forma tomará a teoria do funcionamento psíquico se nela for introduzido um método de abordagem quantitativo, uma espécie de economia de força nervosa, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia tudo o que puder ser útil à psicologia normal. É de fato impossível conceber uma noção geral satisfatória dos distúrbios neuropsicóticos, a menos que se possa relacioná-los a hipóteses claras sobre os processos psíquicos normais”³².

³⁰Idem, Ibidem, p. 1855.

³¹MIJOLLA, A. Op. Cit., p. 1924.

³²FREUD, S. *Projeto para uma psicóloga científica*, 1950 [1895], vol. I, p. 335.

Ele investigava como o aparelho psíquico poderia funcionar em termos biológicos, mas esbarrou em muitos impasses, pois sua experiência na clínica o desviou para outros lugares, fazendo com que ele colocasse a psicanálise, não mais como imaginava que seria, num campo da ciência, mas em um campo particular.

Embora Freud tivesse engavetado este manuscrito, que passou para outras mãos, e por isso foi publicado, o mesmo se tornou importante porque ele traz a tentativa do seu primeiro modelo de divisão do psiquismo, mais conhecido como a primeira tópica, onde encontramos as principais distinções ente o Inconsciente, Pré-consciente e Consciente.

Investindo nesta experiência, em “Esquema geral” no Projeto, o artigo “Introdução do ego”, Freud vai tentar inicialmente, argumentar sobre um papel psíquico que o sujeito buscaria desempenhar e irá esmiuçar a noção de ego, “Esta organização se chama ego”³³, mas dá conotações todas voltadas para a consciência, porque ele trabalha sob a ótica da fisiologia, com neurônios específicos e onde haveria uma “energia ligada”, a “neurônios catequizados”³⁴.

Freud também defende algumas relações de predomínio da consciência através dos “processos primário” e “secundário”. Assim, em seu pensamento nos diz que há outra função do ego e esta consiste na “prova de realidade”, pois afiança como sendo esta a forma pela qual o sujeito diferencia o que vem do externo e o que vem do interno. Em síntese, a premissa nestas primeiras leituras do ego, no manuscrito do projeto de 1895, tem uma autoridade de destaque, pois sua função, segundo ressalta Laplanche, não é porque tenha um acesso privilegiado ao real, mas um padrão a que compare as representações³⁵.

Contudo, somente mais tarde, em 1923, Freud quis dar um lugar mais específico, com bases de amadurecimento teórico para sua primeira tópica. Então, ele articulou uma segunda versão do aparelho psíquico. Este desenvolvimento estaria atrelado as suas pesquisas sobre a teoria das pulsões, (embora tenha tratado de pulsões no Projeto, mas estas estavam ligadas ao que ele denominou apenas de “prova de satisfação”, ou seja, que era como sendo uma tensão interna e de

³³ Idem, Ibidem, p. 375.

³⁴ Idem, Ibidem, p. 375.

³⁵ LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 177.

necessidades biológicas). Na verdade seu pensamento em termos mais profundos surgiu entre os anos de 1914 e 1917, com sete artigos sobre metapsicologia.

Estes textos estão baseados em sua experiência de décadas, pois sua fundamentação está voltada para o funcionamento psíquico. Freud passa então, a descrever o aparelho psíquico metapsicologicamente, ou seja, “de um nível clínico descritível, para um nível de abstração teórica”³⁶, ele propõe modelos de funcionamento do psiquismo humano.

Freud buscou uma nova maneira de fazer uma inovação na teoria do psiquismo, pois necessitava de um rearranjo para que suas experiências na clínica pudessem ser descritas e assim, inaugurava uma nova fase na narrativa da psicanálise. Quinodoz explicita seus pressupostos:

Freud introduz o termo pulsão para descrever os impulsos que conduzem o ser humano a se alimentar e a procriar e chama os primeiros de ‘pulsão de autoconservação’, e os segundos de ‘pulsões sexuais’. Dado que a pulsão é uma noção abstrata, nunca encontraremos uma pulsão como tal, mas a perceberemos indiretamente através dos efeitos que ela produz ou aquilo que ela representa³⁷.

Para Quinodoz, o texto “O inconsciente” é um trabalho no qual Freud se dedica a explicar o inconsciente através dos processos psíquicos. Quando estes são percebidos pela consciência, pode-se comparar sua percepção à percepção do mundo externo pelos órgãos do sentido. Trata-se da repressão, ou seja, suprimir uma representação da pulsão, sem que ela passe pela consciência e produza efeitos, que embora atinjam a consciência permanece de forma inconsciente³⁸.

Vinte e oito anos depois, em 1923 no texto do “O ego e o Id”, após passar pelo “Projeto”, os textos dos anos de 1915 a 1917 sobre a metapsicologia é chegada a hora de Freud nos propor a compreensão uma nova leitura do aparelho psíquico. Segundo suas observações na análise de seus pacientes, há questões primordiais que são parcialmente inconscientes e significavam um processo que

³⁶ QUINODOZ, M. J. *Ler Freud. Guia de leitura das obras de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 153.

³⁷ Idem, *Ibidem*, p. 153.

³⁸ Idem, *Ibidem*, p. 160.

as resistências do ego infligiam no sujeito e o impossibilitavam de ter consciência dos acontecimentos.

Não obstante, as complicações logo se tornaram manifestas. Rapidamente se viu que a palavra ‘inconsciente’ estava sendo utilizada em dois sentidos: o ‘descritivo’ (que simplesmente atribuía uma *qualidade* específica a um estado mental) e o dinâmico (que atribuía uma *função* específica a um estado mental)³⁹.

Freud então vislumbra uma nova concepção. Ocupa-se primeiro em descrever as características do ego como sendo:

A divisão do psíquico em o que é consciente e o que é inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise, e somente ela torna possível a esta compreender os processos patológicos da vida mental, que são tão comuns quanto importantes, e encontrar lugar para eles na estrutura da ciência⁴⁰.

O artigo “O inconsciente” forneceu o conceito de repressão. Freud utilizou esta distinção para passar a noção de inconsciente descritivo. Tratava-se do modo como as representações permaneciam na consciência, e que eram inconscientes para o sujeito, ocultas ou latentes. Diferentemente do inconsciente dinâmico, no qual as representações não são ocultas, mas sim, reprimidas pelas forças das resistências. Antes presumia-se que o ego abrangeria somente a consciência, mas apreendeu-se que ele, manifestava-se nas resistências do indivíduo em tomar consciência de certos fatos. Acerca disso, Freud esclareceu que:

Para nossa concepção do inconsciente, contudo, as conseqüências de nossa descoberta são ainda mais importantes. Considerações dinâmicas fizeram-nos efetuar a primeira correção; nossa compreensão interna (*insight*) da estrutura da mente conduz à segunda. Reconhecemos que o *Ics.* não coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é *Ics.* mas nem tudo o que é *Ics.* é reprimido⁴¹.

Após fazer a leitura da passagem teórica sobre o fenômeno que nos interessa e que ilustra o nosso argumento, destacamos esta parte na qual Freud

³⁹ FREUD, S. *O ego e o id*, 1923. *Introdução do Editor Inglês. Algumas observações sobre o Inconsciente*, vol. XIX p. 17.

⁴⁰ FREUD, S. *A consciência e o que é inconsciente*, 1923, vol. XIX p. 27.

⁴¹ Idem, *Ibidem*, p. 31.

escreve que o ego tem suas relações com o corpo, pois “o ego é essencialmente uma derivação de sensações corporais, dada a sua condição particular no cruzamento de percepções e sensações”⁴². Segundo Freud “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície”⁴³.

Como pensar, então, o corpo na psicanálise a partir do axioma freudiano - o ego é antes de tudo, um ego corporal? Está inaugurada uma nova perspectiva e nos cabe investigar o método. Freud constantemente apresenta um termo comum para então torna-lo incomum e fazer dele um termo inerente à psicanálise. O professor Luciano Elia da UERJ costuma usar esta terminologia para nos incentivar a seguir em frente e ensina que:

Para Freud, vale-se do verbo comum porque a própria natureza do saber por ele inventado o exigia: o discurso teórico é o discurso do inconsciente, não se lhe opõe, não é tecido por fios outros, os fios da ciência, por exemplo, que são sempre e necessariamente estranhos ao seu objeto de estudo. E o inconsciente é constituído por letras comuns: é por isso que a obra freudiana é legível por qualquer pessoa, em seus elementos fundamentais, suas palavras, suas letras, sua literatura. Entretanto, poucos chegam a apreender, após um trabalho inevitavelmente árduo e exigente, o sentido dessas palavras, o que é sempre subversivo, transgressivo do saber vigente, do senso comum, e introdutor do novo. É essa a arte de Freud: produzir um sentido novo, revolucionário, utilizando-se das palavras correntes da língua comum: verbo comum, senso incomum⁴⁴.

2.3. O corpo pulsional e o corpo erógeno.

A pesquisa de Freud sobre o estudo da dimensão corpórea do eu, consta no artigo sobre “O Ego e o Id” de 1923. Nele mostrou que reside na consciência uma percepção que capta tanto os estímulos externos, quanto os estímulos internos do organismo. Um mecanismo de interações inconscientes entre ego, id e superego dentro do aparelho psíquico tal função é produto de uma articulação entre a interioridade e exterioridade, conseguintemente fundamenta a subjetividade, mas também, constrói o campo onde estão localizados os objetos de satisfação⁴⁵.

⁴² QUINODOZ, M. J. Op. Cit., p. 227.

⁴³ FREUD, S. *O ego e o id*, 1923, vol. XIX, p. 39

⁴⁴ ELIA, L. *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1995, págs. 42 e 43.

⁴⁵ ELIA, L. Op. Cit., p. 102.

Partindo deste pressuposto, organizou-se um dos mais importantes conceitos em psicanálise, que é a noção do corpo natural e do corpo pulsional (erógeno). A partir da introdução dos conceitos fundamentais em psicanálise – pulsão e inconsciente –, alguns esclarecimentos são necessários para distinguir o corpo natural do corpo erógeno. O primeiro pode ser organizado, articulado e compreendido, como um corpo representado, um corpo simbólico, mapeado por ordem irreduzível da biologia. Já para um corpo erógeno, este estaria para além do ordenado do corpo natural, e é essencialmente compreendido pela sua submissão em relação à linguagem⁴⁶.

Em tempo, há uma exigência que o corpo faz à mente fora do natural, como que se o aparelho psíquico fizesse um esforço para atender a uma potência corporal extra. Este processo é chamado de corpo imaginário, segundo sua leitura de Lacan.

O corpo é, então, objeto de investimento do Outro, e deverá ser assumido pelo sujeito, já que, nenhuma relação de co-naturalidade existe: não vieram juntos (sujeito e corpo), ao mundo, não se articulam por nenhuma espécie de afinidade natural. Há que haver uma operação, ou, para utilizar uma expressão de Freud, uma ação psíquica, para que o corpo seja assumido pelo sujeito⁴⁷.

Elia esclarece que a partir destes dois elementos, o natural e o erógeno, surgirá uma imagem como sendo um sentido para esta articulação entre o real e o simbólico. Esse é o início do esquema corporal da psicanálise. O corpo é objeto da pulsão e, portanto, está em segundo plano.

O esquema corporal e a construção do eu, foi evidenciado por Jacques Lacan em “O Estádio do espelho como formação da função do eu” de 1949⁴⁸. Uma alienação necessária para a construção do eu de todo sujeito. O sujeito assume uma determinada imagem do seu corpo como sendo sua própria, mas, fundamentalmente como imagem, foi construída pelo Outro e o sujeito não é segundo Elia, “membro nato do seu corpo”⁴⁹. A imagem do corpo constitui o

⁴⁶ Idem, *Ibidem*, p. 103.

⁴⁷ ELIA, L. *Op. Cit.*, p. 103.

⁴⁸ LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

⁴⁹ Elia, L. *Op.Cit.*, p. 105.

princípio de uma unidade, na qual, ele percebe os objetos, onde o Outro ratifica com o olhar o que se percebe no espelho como pressuposição de uma imagem.

Capítulo 3. Átropos a que marca a hora da morte.

3.1. A identidade em psicanálise.

Posso contar uma aventura semelhante que ocorreu comigo. Estava eu sentado sozinho no meu compartimento do carro-leito quando, devido a um violento solavanco do trem, a porta que dava para o banheiro anexo se abriu e um homem de uma certa idade, de roupão e boné de viagem, entrou na minha cabine. Imaginei que, ao sair do banheiro que ficava entre os dois, ele tivesse se enganado de direção e tivesse entrado por engano no meu compartimento. Precipitei-me para informá-lo do equívoco, mas percebi, completamente perplexo, que o intruso nada mais era do que minha própria imagem refletida no espelho da porta de comunicação. Recordo-me que esta aparição me desagradou profundamente ⁵⁰.

Uma certa idade. Com essa expressão, Freud nos remete a uma tentativa de nomear algo que nos é estranho, um desconhecido, um outro, um não eu. Ao falar de um corpo imaginário podemos supor que este, na fantasia não envelhece, pois não se reconheceu na própria imagem refletida no espelho. Parece bastante elucidativo o motivo pelo qual Freud em seu compartimento do carro-leito percebeu perplexo que o intruso era ele mesmo. O estranho modificado pela parte invisível da estrutura psíquica e o corpo. Neste artigo, há o emprego de um sentimento paradoxal que alia algo que é “secretamente familiar que foi submetido à repressão e depois voltou, e que tudo aquilo que é estranho satisfaz a esta condição” ⁵¹.

No ensaio, Freud explicita metodicamente através do conto de Hoffmann, “O homem de areia”, cujo personagem ameaça arrancar os olhos das crianças. Trata-se de uma angústia infantil, que remete à castração. Isso tudo para teorizar que há também uma crença na realidade de tais conteúdos ⁵². O fato de olhar para a imagem refletida forneceu para Freud o vislumbre do processo psíquico de identificação como fora da consciência, isso é, ‘que velho é esse outro aí?’ Não há reconhecimento, pois a imagem está fora e provoca um estranhamento. A memória fadada ao óbito do que sabíamos de nós e agora nos deflagra não como sujeitos, mas como imagem, considera-se, portanto, *uma certa idade...* Velho é o outro, não sou eu!

⁵⁰ FREUD, S. *O estranho*, 1919, vol. XVII págs. 263-264.

⁵¹ Idem, *Ibidem*, p. 263.

⁵² Idem, *Ibidem*, p. 265.

Certamente, Freud estava muito concentrado em evidenciar os ‘muitos estranhos’ que habitam o psiquismo, mas o episódio citado na abertura desta apreciação, no mito das Moiras, refere-se a tentativa de representar o fluxo da vida e a impossibilidade de imaginar a própria morte ou representá-la. Ainda que a literatura apóie o texto do “O estranho”, ele demonstra através da figura do duplo narcísico, que ele garante, entre outros, ser um processo psíquico para que o ego escape a morte.

A identidade em psicanálise remete, expõe e explica o narcisismo, a soma das representações que cada um tem de si mesmo em relação com o outro. O narcisismo protege a imagem corporal, pois investe o corpo e dá proporções que possibilita uma identidade do eu. Conforme ressalta Elia, vamos encontrar que o narcisismo definiu-se como um processo pelo qual o sujeito assume a imagem do seu próprio corpo como sua, e se identifica com ela (eu sou esta imagem). Implica o reconhecimento do eu a partir da imagem do corpo próprio investida pelo outro⁵³.

3.2. Os retratos do eu pela busca da continuidade pessoal.

Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força, Tão paradas, e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra.

Eu não dei por conta desta mudança tão simples, tão certa, tão fácil.

Em que espelho ficou perdido a minha face?⁵⁴

A poesia “Retratos” de Cecília Meireles exemplifica com muita propriedade a passagem do tempo no corpo. Entretanto o que a autora nos mostra é que a sua imagem do espelho está relacionada com as marcas das histórias de sua experiência de vida. Ao perceber em momentos específicos a maturidade em si, cada sujeito revela a sua singularidade para perceber as alterações do tempo no organismo, que se referem aos processos do envelhecimento.

⁵³ ELIA, L. *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*, Rio de Janeiro, UAPÊ, 1995, p. 111.

⁵⁴ MEIRELLES, C. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

O envelhecimento é um processo inexorável. Pode ser entendido como a consequência da passagem do tempo ou como o processo cronológico pelo qual um indivíduo se torna velho. A Organização Mundial da Saúde - OMS⁵⁵, por exemplo, descreve tornar-se velho em quatro faixas etárias: Meia-idade: 45 a 59 anos; · Idoso: 60 a 74 anos; Ancião 75 a 90 anos; · Velhice extrema: 90 anos em diante. Será que desta forma qualquer pessoa pode distinguir uma pessoa idosa de uma pessoa madura?

O Instituto brasileiro de geografia e estatística - IBGE⁵⁶ considera o Brasil como estando entre os seis países com a maior população de idosos entre seus habitantes. Mas não parece uma contradição que as pessoas ainda tenham dificuldades e até negam compreender o que se passa com o seu corpo no processo de envelhecimento? Afinal, como se sentem frente a esta percepção? Mito ou realidade?

Segundo Jaspers, “a vivencia espaço temporal da realidade nós não a podemos ultrapassar com os sentidos nem também abandona-la, sempre nos encontramos com ela”.⁵⁷ As doenças que acompanham o tempo são delimitadas no espaço temporal. Este conceito nos permite avaliar que o rompimento do tempo sobre o corpo possibilita a experiência de eternidade, mas que, contudo, é unicamente mítica diz o autor.

A dimensão individual da experiência temporal se diferencia da dimensão social da velhice. Assim como a experiência da velhice é singular, o processo de envelhecimento admite categorias socialmente produzidas e possibilita classificações, pois há uma auto-atribuição da identidade etária, separando e arrumando os indivíduos em parâmetros de idade, o que pode e o que não pode para esta ou aquela idade.

Vamos tomar como exemplo, o nascimento de um bebê: a primeira vista pode nos parecer comum, mas o drama baseado no clássico escrito por F. Scott Fitzgerald nos anos 20, conta um nascimento incomum. “O curioso caso de Benjamin Button”⁵⁸ descreve exatamente como a cultura pensa o comportamento

⁵⁵ www.portaldasaude.gov.br

⁵⁶ www.ibge.gov.br

⁵⁷ JASPERS, K. *Psicopatologia geral*. Rio de Janeiro: Ateneu, 2006, p. 99.

⁵⁸ FITZGERALD, S.F. *O curioso caso de Benjamin Button e outras histórias da era do jazz*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2009.

dos indivíduos relacionados a sua idade cronológica. A história do caso nos relata a surpresa de um pai ao entrar na maternidade e o que vê “enrolado num volumoso cobertor branco. Um velho que aparentava cerca de setenta anos de idade”⁵⁹.

A história deste personagem foi adaptada para o cinema, pelo diretor David Fincher em 2008⁶⁰. A vida de Benjamin Button foi contada de forma poética e o fio condutor da trama começa desde seu nascimento por volta de 1918 e chega ao início dos anos de 2000. A vida de um homem que nasceu velho e rejuvenesce ao longo do tempo.

O desvanecer da vida no tempo mostra-se diferente e único neste curioso caso que relata um tempo medido ao inverso, onde os relógios correm ao contrário. Benjamin estava fadado ao envelhecimento, paradoxalmente, já que nasceu e também morreu com um corpo de bebê atravessado pelas doenças da velhice.

Ao nascer e ser examinado, o diagnóstico foi de cegueira pela catarata, surdez, uma aguda artrite indicada pelos seus ossos, mãos e pés rígidos e uma pele sem elasticidade. Ele apresentava todas as doenças de um velho prestes a morrer. Seu corpo estava desgastado antes de sua vida começar. No final vemos um corpo de menino com sintomas de incapacidade intelectual e comportamental, um quadro agudo de demência, déficits visual, auditivo e de falta de memória. Button ao final de sua vida reconhece:

Sou cego de um olho, não ouço muito bem... tenho espasmos musculares e tremores contínuos, às vezes perco a linha do pensamento... mas sabe de uma coisa? Deus tem me lembrado sempre da sorte que tenho por estar vivo. Não me lembro do nome dela... acho que era... ou... A verdade é que as pessoas que mais marcam nossas vidas são as que esquecemos os nomes. A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás, mas só pode ser vivida olhando-se para frente eu só quero me lembrar do que somos agora. Tudo que tenho é minha história e estou escrevendo enquanto me lembro. O meu nome é Benjamin, Benjamin Button⁶¹.

Ao procurarmos compreender uma pessoa, essa compreensão inevitavelmente se passa por meio da intersecção de uma leitura espaço-temporal.

⁵⁹ Idem, *Ibidem*, p. 112.

⁶⁰ FINCHER, D. *O curioso caso de Benjamin Button*, DVD, Warner Bros pictures, 2008.

⁶¹ FINCHER, D. *Op. Cit.*

Os aspectos que mais se tem discutido são relativos ao fato de como podemos interpretar as alterações que marcam a existência do ser, provocar a diminuição de suas funções biológicas, criando assim, uma identidade social de sujeito.

O corpo denuncia a passagem do tempo. Sem dúvida, reconhecemos uma pessoa velha. A autora Guite Zimerman debate e trabalha com os aspectos biopsicossociais da velhice. Discute o fenômeno do envelhecimento do ponto de vista físico, psíquico e social. “Velho é aquele que tem diversas idades: a idade do seu corpo, da sua história genética, da sua parte psicológica e da sua ligação com a sociedade⁶²”.

Ela nos descreve o que é a senescência e a senilidade. Eu gostaria de discutir estes fenômenos e articular com a experiência do trabalho como psicóloga reforçando os aspectos físicos do envelhecimento, já que são as principais mudanças que podemos observar no corpo devido aos desgastes sofridos pelas células. As modificações internas e externas acontecem, mas não de uma forma que a velhice represente uma doença, mas é uma fase na qual o ser humano fica mais propício a doenças e isso influencia diretamente a vida psíquica⁶³.

O que tenho observado ao escutar a pessoa envelhecida é que a luta para não ter doenças se torna sua grande guerra, ora pelo aspecto de que sofreu modificações externas desde manchas nas mãos e perda de tônus no colo e pescoço, ora pelas modificações internas que são dificuldades de digestão, a vista cansada, e também a falta de memória que as assustam, pois não há um reconhecimento da realidade pela pessoa.

Na verdade, as pessoas são transpassadas pelos aspectos físicos do envelhecimento e não se dão conta de que suas funções estão diminuindo o que requer delas um novo aprendizado das colocações mais simples, como as de comer e andar, por exemplo. As limitações, dependendo do tipo de problema, podem trazer agravantes sérios quando não se aprende a conviver com as limitações, pois os aspectos físicos do envelhecimento são resolvidos com muito mais rapidez do que os aspectos psicológicos como nos diz Zimerman⁶⁴.

⁶² ZIMERMAN, G. *Velhice aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 19.

⁶³ ZIMERMAN, G. Op. Cit., p. 22.

⁶⁴ ZIMERMAN, G. Op. Cit., p. 23.

Certa vez ouvi um senhor de 82 anos, que perdeu parte da visão devido ao glaucoma. Ele fazia questão de manter suas idas ao ‘sacolão’ perto de casa e com bom humor, media a distância de sua casa até lá, pelos números de tombos que levava pelo percurso. É pertinho, são só dois tombos! As pessoas às vezes precisam aprender a se levantar, mas no meu caso, aprendi mesmo, é como cair dizia ele tentando explicar que envelhecer é um processo natural, inevitável e aprender a encará-lo com serenidade pode ser uma oportunidade de compartilhar experiências.

As experiências trocadas com os idosos têm múltiplas vias de acesso. Ao acompanhar uma paciente com Alzheimer, trabalhávamos em equipe com sua família quando o marido trouxe uma mensagem da internet que tinha um profundo valor emocional e narrava que um simpático velhinho havia dito que toda a manhã ia visitar sua esposa que estava em um abrigo para idosos, com Alzheimer avançado. O médico, preocupado com o atraso do atendimento disse: Então hoje ela ficará mais preocupada com sua demora? Não, ela já não sabe quem sou eu, há quase cinco anos que não me reconhece mais. O médico então questionou: mas então porque a pressa e a necessidade em estar com ela todas as manhãs, se ela já não o reconhece mais? O velhinho então deu um sorriso e batendo de leve no ombro do médico disse: Ela já não sabe mais quem eu sou, mas eu sei muito bem quem ela é!

Isso nos mostra que cada vez mais temos elementos para aprender a melhor conviver com a finitude. Segundo Zimerman, os aspectos sociais que envolvem as questões do envelhecimento de uma população trazem uma modificação no status do velho e no relacionamento dele com outras pessoas em função de:

- Crise de identidade, provocada pela falta de papel social, o que levará o velho a uma perda da auto estima.
- Mudança de papéis na família, no trabalho e na sociedade. Com o aumento de seu tempo de vida, ele deverá se adequar a novos papéis.

- Aposentadoria, já que, hoje, ao aposentar-se, ainda resta à maioria das pessoas muitos anos de vida; portanto, elas devem estar preparadas para não acabar isoladas, deprimidas e sem rumo.
- Perdas diversas, que vão da condição econômica ao poder de decisão, à perda de parentes e amigos, da independência e da autonomia.
- Diminuição dos contatos sociais, que se tornam reduzidos em função de suas possibilidades, distâncias, vida agitada, falta de tempo, circunstâncias financeiras e a realidade da violência nas ruas.⁶⁵.

O trabalho do psicólogo, nestes casos, situa-se justamente no ajuste das relações sociais, no entorno dos relacionamentos, com filhos, amigos, colegas de trabalho, isso tudo permite uma reaprendizagem e um novo estilo de viver as modificações de forma que as perdas possam ser minimizadas. Pois, além das alterações no corpo, o envelhecimento também acarreta algumas outras mudanças e pode haver uma série de dificuldades no aspecto psicológico, resultante da adaptação aos novos papéis, de planejamento do futuro, de trabalhar as perdas orgânicas, afetivas e sociais. Além das dificuldades para se adaptar, há as alterações que exigem intervenção e tratamento⁶⁶.

O envelhecimento não precisa vir acompanhado de doença. O desgaste normal sofrido pelo corpo ao longo da vida tem um significado diferente dos quadros patológicos que podem atingir as pessoas em qualquer idade. As mudanças físicas, psíquicas e sociais que acompanham o envelhecimento, são chamadas de senescência que não geram desgastes nas atividades dos indivíduos. Mas quando há perdas, um declínio das atividades do indivíduo, como as doenças mais comuns como à arteriosclerose, demência senil, a doença de Alzheimer e de Parkinson, estas são características da senilidade, e exigirão uma conduta diferenciada por parte de toda uma equipe especializada e também dos cuidadores⁶⁷.

⁶⁵ ZIMERMAN, G. Op. Cit., p. 24.

⁶⁶ Idem, p. 25.

⁶⁷ ZIMERMAN, G. Op. Cit., p. 99

Ao tratar a saúde é importante ressaltar a qualidade de vida. A Dr^a. Mariana Jacob, médica geriatra no Rio de Janeiro, sustenta que “sem saúde, de nada vale o ter”⁶⁸. Ela rebate a representação de saúde sustentada pela OMS que constitui um estado de bem-estar completo do ponto de vista físico, mental e social, não simplesmente ausência de qualquer enfermidade, e acrescenta que é necessário cultivar o bem-estar espiritual, que reúne a sensação de juventude, animação e felicidade. Segundo esta autora, o Brasil, neste sentido é pouco privilegiado.

A grande maioria dos brasileiros, segundo os estudos de Jacob, encontra-se, “com a vida em condições de poluição externa e interna”⁶⁹. Isso representa os fatores externos pelas condições insalubres do meio ambiente e a poluição interna que está ligada ao que se ingere como os alimentos cultivados de maneira inadequada e consumidos pela população ocasionando o aumento de doenças. Para ela, “o envelhecimento é relacionado a fatores genéticos e ambientais”⁷⁰.

Deve-se por tanto, buscar envelhecer com qualidade de vida, já que viver não significa necessariamente viver com qualidade. A gerontologia é um campo de estudos multidisciplinar que investiga os fenômenos de ordem biológica, social, cultural e psicológica relacionadas ao envelhecimento humano e emprega a premissa de que devemos acrescentar vida aos anos, e não apenas anos à vida.

Mas é em busca de uma imagem ideal de envelhecimento que pessoas submetem sua saúde a tratamentos pouco recomendados. Nas últimas décadas o valor cultural do novo advém da tecnologia descartável, onde o homem produz, consome e substitui o consumido por um novo, diz Zimerman para nos mostrar que estes valores culturais depreciam os relacionamentos afetivos e que com isso, tornam os objetos e as pessoas velhas e ultrapassadas⁷¹.

Um jovem formado em administração assumiu na década de oitenta um cargo de muita responsabilidade em uma empresa multinacional. Com o passar dos anos, ele tornou-se diretor e se intitulava ‘móveis e utensílios’ como sendo patrimônio da empresa, uma forma de dizer que se sentia seguro no emprego. Contudo, a empresa demitiu grande parte de seus empregados e ele com 60 anos

⁶⁸ JACOB, S. M. *Geriatría em comprimidos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004, p. 102.

⁶⁹ Idem, *Ibidem*, p. 103.

⁷⁰ Idem, *Ibidem*, p. 73.

⁷¹ ZIMERMAN, G. *Op. Cit.*, p. 41.

foi tomado de assombro e, desempregado caiu numa profunda depressão após sofrer um infarto.

Envelhecer não é, portanto, ter um caminho já traçado, pelo contrário é construir este caminho todo o tempo, pois antes de tudo, envelhecer é um processo e não um problema de mudança de estágios da vida que ocorre em todas as idades. A dificuldade de elaboração do luto não permitiu, na maturidade, este paciente construir algo que pudesse valorizar suas qualidades, respeitar seu passado, sua construção subjetiva.

Para fugir do monstro da substituição, as pessoas transformam sua subjetividade para atender a demanda do mercado. O culto da juventude eterna arrasta milhares de mulheres e homens buscando obter milagres nas cirurgias plásticas, indo para as academias e nas fórmulas surpreendentes de medicamentos. O lugar privilegiado que o corpo passou a ocupar é a partir dos atributos físicos, o que traz para o sujeito uma relação íntima com os tormentos relativos a desejar uma aparência física compatível com o ideal de felicidade vendido nas bancas de jornal.

Saber envelhecer já era pensado por Cícero (103-43 a.C.) desde a antiguidade, sua preocupação a este respeito vinha da necessidade de suportar com paciência e razão os fardos que nos pesam. Desenvolveu assim a arte de envelhecer que é encontrar o prazer que todas as idades proporcionam, pois todas têm as suas virtudes⁷². Assim, compreender os pacientes que estão internados em leitos de hospitais e de casas de recolhimentos, em grande maioria, são lições de histórias de vidas na realização de seus lutos, onde a equipe de saúde passa a conviver por todo o tempo de estadia destes pacientes.

Ao pensar na minha experiência de convivência com os pacientes no curso de suas vidas, entendo que o tempo é que forma o campo aonde a vida mental vai se desdobrar, num trabalho psíquico ininterrupto. Cabendo a nós compreender que o pesar do luto tem aspectos e efeitos, e estes, se desdobram em sintomas que tornam fontes de grandes sofrimentos. Colin Parkes explica que tal sofrimento pode ser atribuído ao amor, já que a intensidade do luto é determinada pela intensidade do amor, uma vez que o amor é um vínculo e o aspecto forte do

⁷² CÍCERO, T.M. *Saber envelhecer e a Amizade*. (103-43 a.C.). Porto Alegre: L&M Editores, 2010, p.9.

vínculo é sua resistência às separações. Podemos então supor que há uma intolerância relativa à separação que serve como parâmetro para observar a intensidade do luto das pessoas⁷³.

3.3. A representação da morte na psicanálise.

O processo de viver as mudanças que ocorrem no corpo é um eterno trabalho de elaboração de pequenas perdas diárias. A elaboração psíquica é o trabalho do pensamento que liga e associa as representações entre elas. Porém, o trabalho psíquico de elaborar a própria morte não nos é representável, isso é, não nos é possível. Freud descreveu isto em 1915 em “Reflexões para os tempos de guerra e morte” e nos conta em seu artigo do mesmo ano. “Nossa atitude para com a morte”, uma dupla afirmação:

De fato, é impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores. Por isso, a escola psicanalítica pôde aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade⁷⁴.

Podemos sem nenhuma dúvida dizer que concordamos com esta afirmação de Freud, mas mesmo assim, isso não implica que não nos angustiemos com a certeza de ter de morrer. O próprio Freud perdeu seus filhos na Guerra e a partir desta experiência é que ele pensava na capacidade destrutiva do homem e sobre a morte. “É fácil ver como a guerra se choca com essa dicotomia. Ela nos despoja dos acréscimos ulteriores da civilização e põe a nu o homem primevo que existe em cada um de nós”, e de que:

Lembramo-nos do velho ditado: *Si vis pacem, para bellum*. Se queres preservar a paz, prepara-te para a guerra. Estaria de acordo com o tempo em que vivemos alterá-lo para: *Si vis vitam, para mortem*. Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte⁷⁵.

⁷³ PARKES, M.C. *Luto estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo: Summus, 2008, p. 146.

⁷⁴ FREUD, S. *Nossa atitude para com a morte*, 1915, Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV, p. 299.

⁷⁵ FREUD, S. Op. Cit., p. 309.

A passagem da morte na vida de Freud foi em 1926 contada pelo jornalista George Sylvester Viereck⁷⁶ em uma entrevista sobre “O valor da vida”. Aos setenta anos ele nos fala a respeito de um ensinamento: “aceitar a vida com serena humildade”. Neste momento de sua vida Freud sofre com um tumor maligno no maxilar que lhe deixou marcas profundas na face, denunciava uma tensa e constante dor. Dor física causada por uma prótese de maxilar desconfortável e de suportar a dor psíquica, contudo disse: “ainda prefiro a existência à extinção”.

Não nos parece difícil ver como “a velhice, com suas agruras, chega para todos”. Mas a prioridade para Freud passou a ser outra, embora tivesse preocupações como os filhos, com as despesas de casa, com seu trabalho, dizia que “Eu não me rebelo contra a ordem natural”. Preferindo observar a vida na delicadeza de um botão de rosa. Mas ao ser abordado sobre o desejo de imortalidade, Freud reagiu: “Tudo o que vive perece. Por que deveria o homem constituir uma exceção?”. O eterno aborrecimento de viver, segundo Freud está na luta interminável do ego com seu ambiente, já que é o ego que não lida com a morte e dificulta a aceitação do processo do luto.

Ao passo que quando é interrogado sobre o homem representar-se como ser físico, ou seja, um ser biológico passaria a ter a longevidade estimada pelo prolongamento da vida através da evolução, leva Freud a desenvolver um dos seus mais importantes conceitos na psicanálise: as pulsões de vida e de morte.

É possível que a morte em si não seja uma necessidade biológica. Talvez morramos porque desejamos morrer. Assim como amor e ódio por uma pessoa habitam em nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda a vida conjuga o desejo de manter-se e o desejo da própria destruição⁷⁷.

⁷⁶ VIERECK, S.G. *Entrevista com Sigmund Freud*. 1926. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=88>

⁷⁷ VIERECK, 1926, *passim*.

Considerações finais.

A velhice é o momento de romper com as ilusões do narcisismo. Abandonar os mitos da beleza eterna para transcender a temporalidade. Madre Teresa de Calcutá (1910-1977) dentre tantas vocações, tinha também um notável dom para a escrita. Cada uma das palavras que escreveu é fruto de sua vida. Cada uma das suas mensagens se adequou a uma determinada situação ou tema. Este poema fala sobre a Luta de se viver:

Tenha sempre presente que a pele se enruga, o cabelo embranquece, os dias convertem-se em anos... Mas o que é importante não muda... a tua força e convicção não têm idade. O teu espírito é como qualquer teia de aranha. Atrás de cada linha de chegada, há uma de partida. Atrás de cada conquista, vem um novo desafio. Enquanto estiver viva, sintase viva. Se sentir saudades do que fazia, volte a fazê-lo. Não viva de fotografias amareladas... Continue, quando todos esperam que desista. Não deixe que enferruje o ferro que existe em você. Faça com que, em vez de pena, tenham respeito por você. Quando não conseguir correr através dos anos, trote. Quando não conseguir trotar, caminhe. Quando não conseguir caminhar, use uma bengala. Mas nunca se detenha ⁷⁸.

No percurso deste trabalho deparei-me com questões que percorreram a minha própria vida. As lembranças da minha infância vieram nas histórias da mitologia, que sempre fizeram parte dela. O simbolismo da mitologia grega pode contar histórias que dramatizam a vida e estas histórias podem trazer traduções psicológicas importantes no estudo de casos clínicos. O desejo reconhecido de amor vivido pelas divindades muitas vezes chegam para nós, profissionais da saúde, como monstros nas histórias da vida real. A perda, o desamor no discurso do paciente contando sua história, se funde no mito que estrutura o desejo das pessoas.

Na mitologia grega são encontradas muitas figuras simbólicas cujo significado guarda estreita relação com a medicina. Quanto ao relacionamento entre harmonia psíquica e saúde, é importante sublinhar que qualquer símbolo mítico, divindades ou monstros, possui uma significação diretamente relacionada à arte médica ⁷⁹.

⁷⁸ Madre Teresa de Calcutá. In *Canção Nova*, Disponível em: <http://www.cancaonova.com/portal/canais/especial/madre_teresa/>.

⁷⁹ DIEHL, P. *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo: Attar, 1991 p. 15.

As grandes histórias do passado humano me remetem de volta para a filosofia antiga. Um sistema que parte de uma consideração muito simples: dar ao mundo uma série de pensamentos, cuja interrogação central é o ser humano mortal, finito e limitado no espaço e no tempo. Assim, os gregos em oposição aos cristãos, muçulmanos e judeus, não se apoiavam em um único Deus, para explicar a contemplação do homem e do cosmos. Partiam da premissa de que “a tarefa primeira da filosofia é ver o essencial do mundo, o que nele é mais real, mais importante e mais significativo”⁸⁰ diz o professor e filósofo Luc Ferry.

Pelo viés filosófico, a harmonia é a essência mais íntima do mundo e penso que, seja dessa forma que devemos estar presentes junto aos nossos pacientes. Uma representação harmoniosa pode advir da relação paciente e psicólogo de forma justa e boa como pensam e entendem os filósofos e pode servir como ferramenta para apoiar a técnica. Freud serviu-se bastante da filosofia e da literatura. Uma fonte importante para seu processo intelectual e para analisar seus pacientes.

Os textos de Shakespeare, Goethe, Cervantes, Rabelais, Molière, Dostoiévski, entre outros, deram para Freud um lugar de saber. Não de um saber qualquer, e sim de um entrelaçamento de ideias e conceitos que associados por ele, permitiam a transmissão da a sua criação: a psicanálise. Goethe diz: “O que não conhecemos, não nos pertence”, como uma maneira de dar um sentido para as coisas e termos compreensão sobre elas. O saber de Freud analisa a aparente falta de sentido que há nos sonhos, chistes e atos falhos. O inconsciente ganha uma interpretação na análise através da palavra e passamos a compreensão do fato.

As palavras pesquisadas neste trabalho ganharam significados próprios para que pudéssemos entender os contextos referentes ao passar do tempo sobre o corpo. Freud ao escrever sobre a transitoriedade, nos ensina que a nossa passagem pelo mundo não é negando ou desvalorizando o objeto, mas sim, observando o valor das coisas independente de sua duração. Para ele, noção de luto é a possibilidade de superar as perdas através dos processos psíquicos constantes. Certamente que sei que não é um mecanismo fácil ou inerente àquele momento específico que se vive, mesmo pensando na diferenciação corpórea entre o corpo simbólico que sofre as ações do tempo e do corpo imaginário que na fantasia não

⁸⁰ FERRY, LUC. *Aprender a viver. Filosofia para os novos tempos*. Objetiva: 2006, p. 31.

envelhece. Significar e re-significar é atribuir um sentido para as marcas causadas pela dor e pela emoção da vida, não pelas marcas do tempo.

O valor da vida para Freud foi sem dúvida o seu trabalho. Freud passou uma vida inteira dedicando-se arduamente a cuidar das pessoas para que elas se tornassem mais felizes e saudáveis. Freud, ao longo de sua vida, travou uma brava luta para combater as forças destrutivas que existem em maior ou menor grau dentro das pessoas. Então, poderíamos dizer que o valor da vida para Freud vai muito além do seu trabalho. O valor da vida para Freud está na possibilidade de um paciente vislumbrar um modo equilibrado para viver, mesmo diante das dificuldades que a realidade traz.

Ele não se preocupava com que vem depois de *uma certa* idade, não permitia que fosse estragada a beleza das coisas mais simples da vida. Sua vida foi uma das mais polêmicas da época, pois falar sobre sexo e sexualidade infantil não era padrão naquela ocasião e penso que seu empenho em construir uma nova ciência deu a ele vigor para vivenciar todas as etapas da sua vida.

A sabedoria de aceitar a vida como ela é. Esta sabedoria seria um sinal de saúde alcançada através de tratamento terapêutico, o equilíbrio entre a potência e a impotência de cada um de nós. Aceitar a realidade, a finitude, pode tornar uma pessoa forte, saudável e feliz, porque assim, ela talvez construa uma vida criativa, plena de sentido e força.

O trabalho com pacientes idosos tem me mostrado que uma pessoa envelhecida possui um duplo sentimento. Um sentimento de contentamento pelas suas histórias de vida, a sua missão que poderia ter sido de criar os filhos e agora seu olhar está em acompanhar os netos, que conseguiu fazer ou que deixou de fazer em determinado momento da vida. Percebo que há na vivência das pessoas envelhecidas, um sentimento do lamento pelo reconhecimento de sua própria finitude. Estes dois sentimentos: contentamento e lamento, são sentimentos vividos não como um desafio que a vida lhe põe para resolver, mas de uma capacidade para investirmos em nós mesmos e no conviver diário com pessoas e ideias até chegar o momento de enfrentar a separação final.

A terapia trabalha a favor do paciente, quando o auxilia a ajustar-se no tempo e a sentir cada época de sua vida com um estado de espírito afinado com

ela. O terapeuta é a pessoa que trabalha tentando proporcionar uma maior sintonia do paciente com a própria vida. Sintonizar é “ajustar (um aparelho de rádio) ao comprimento da onda transmitida pela estação emissora”⁸¹.

Se um paciente consegue sintonizar-se com seu terapeuta e a partir daí começa a prestar mais atenção nos “comprimentos das ondas” transmitidas pelo meio em que vive, ele terá grandes chances de fazer acordos mútuos com a vida. Ele pode, inclusive, acordar que, enquanto a morte não vem, é oportuno (Kairos) que se viva a vida bem vivida. Aí reside a idéia de um viver harmônico e criativo: aproveitar o que cada estação traz.

⁸¹ FERREIRA, B.H.A. *Minidicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2008, p. 742.

Referências bibliográficas.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CALCUTÁ, M. T. In **Canção Nova**, Disponível em:
<http://www.cancaonova.com/portal/canais/especial/madre_teresa/>. Acesso em:
10 de abril de 2011.

CÍCERO, M.T. **Saber envelhecer e a amizade**. Porto alegre: L&PM, 2010.

CUNHA, G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DIEL, P. **O simbolismo na mitologia grega**. São Paulo: Attar, 1991.

ELIA, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1995.

FERREIRA, B.H.A. **Minidicionário Aurélio o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Positivo, 2008.

FERRY LUC **Aprender a viver. Filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva. 2006.

FINCHER, D. **O curioso caso de Benjamin Button**. DVD Warner Bross pictures, 2008.

FITZGERALD, F.S. **O curioso caso de Benjamin Button e outras histórias da era do jazz**. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2009.

FREUD, S. **O estranho (1919)** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – vol. XVII – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926)**: In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – vol. XX - Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Reflexões para os tempos de guerra e morte. (1915)** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – vol. XIV - Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Reflexões para os tempos de guerra e morte: Nossa atitude para com a morte (1915)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – vol. XIV – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O ego e o id (1923)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - vol. XIX – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O ego e o id (1923). A consciência e o que é Inconsciente.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – vol. XIX – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O tema dos três escrínios. (1913)** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – vol. XII - Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Projeto para uma psicologia científica. (1950 [1895]) – Introdução do ego.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – vol. I – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Sobre a transitoriedade – (1915 [1916])** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – vol. XIV - Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O Inconsciente – (1915).** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – vol. XIV - Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Pulsões e destinos das pulsões (1915).** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – vol. XIV - Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOETHE, J. W. **Frases de Goethe.** Disponível em:
<<http://www.frases.mensagens.nom.br/frases-autor-j4-johanngoethe.html>>.
Acesso em: 10 de abril de 2011.

JACOB, S M. **Geriatría em comprimidos.** Rio de Janeiro: José Olinpio, 2004.

JASPERS, K. **Psicopatologia geral.** Rio de Janeiro: Ateneu, 2006.

LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J B. **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LAW, S. **Filosofia guia ilustrado Zahar. História, ideias e teorias.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MEIRELLES, C. **Flor de poemas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MIJOLLA, A. **Dicionário internacional da psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MITOLOGIA. **Enciclopédia Abril Cultural.** São Paulo, Abril Cultural, 1973.

PARKES, M.C. **Luto estudos sobre a perda na vida adulta.** São Paulo: Summus, 2008.

QUINODOZ, J-M. **Ler Freud Guia de leitura das obras de S. Freud.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOFOCLES. Édipo Rei e Antígona. Coleção a obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2004.

VIREECK, S.G. Entrevista com Sigmund Freud. Disponível em:
<http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=88>. Acesso em: 10 de abril de 2011.

ZIMERMAN, I. G. Velhice aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2007.